

05.) por EMÍDIO SANDERSON¹

A experiência TIC de pensar e fazer curadoria para crianças

Para o Festival Internacional de Teatro Infantil do Ceará – TIC, sua curadoria baseia-se em quatro eixos estratégicos: escopo, público, espaço e finanças. Trata-se de um processo complexo que transita por inúmeras questões culturais, sociais, econômicas e políticas. Diante disso, é crucial o projeto saber qual é o seu posicionamento e objetivo de forma fundamentada e com argumentos coerentes.

O primeiro eixo a ser considerado refere-se ao escopo do projeto, que determinará toda a sua ação, sobretudo sua proposta curatorial. Se o escopo do projeto não estiver claro, a curadoria tornar-se-á uma tarefa mais árdua e faltará, por certo, consistência nas proposições artísticas para se comunicar e dialogar com público.

1. *Emidio Sanderson* - Produtor e gestor cultural, idealizado do TIC - Festival Internacional de Teatro Infantil do Ceará e representante da Rede FIBRA – Festivais Internacionais Brasileiros para crianças e jovens.

Para entender o escopo do TIC, é necessário evidenciar o propósito do festival, visto como seu DNA, a saber: democratizar o acesso à cultura, aliado a uma proposta de formação de plateia. Assim, este entendimento leva a curadoria para um percurso que exige compreensões mais profundas sobre demanda e oferta das atividades culturais onde o festival atua.

O projeto é pautado em pesquisas sobre hábitos culturais, sendo que uma delas aponta que mais de 3/4 da população brasileira nunca assistiu a um espetáculo teatral ou de dança. E essa porcentagem fica ainda mais dramática se levarmos em consideração que somente 23,4% dos municípios brasileiros possuem teatros.

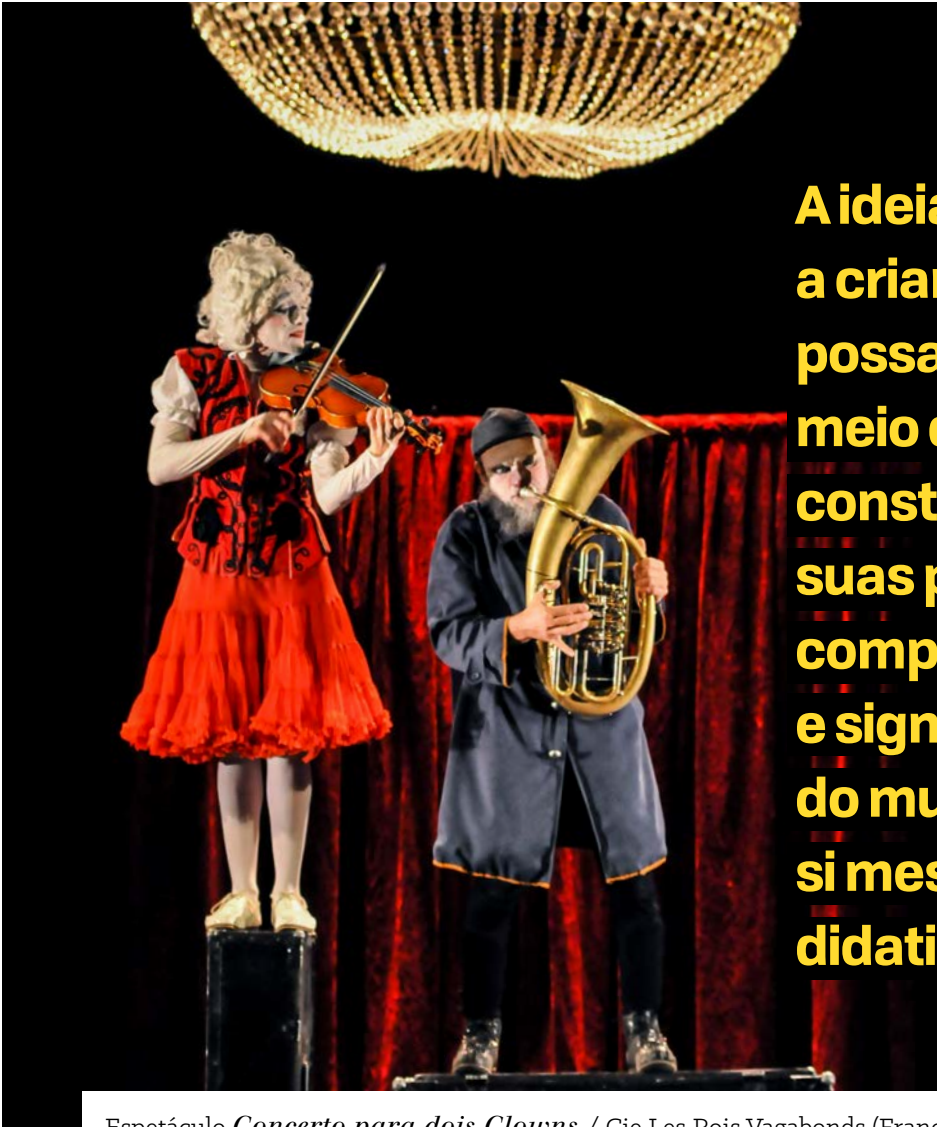
Além disso, grande parte dos conteúdos culturais ofertados para crianças está limitada à cultura de massa, a qual é dominada por referências estrangeiras e reforça velhos preconceitos. São conteúdos que, muitas vezes, não revelam a diversidade cultural do Brasil e do mundo e reproduzem padrões misóginos, racistas, norte-americanos e eurocêntricos. Não se trata, contudo, de privar as escolhas do indivíduo. No entanto, espera-se que a criança tenha acesso a outras opções culturais que vão além de personagens da indústria de entretenimento ou de interpretações equivocadas de contos de fadas. Diversificar

as referências culturais durante a infância talvez seja crucial para a liberdade e o desenvolvimento do ser.

Dito isso, o TIC procura explorar novas estéticas, narrativas e dramaturgias, perpassando pelas subjetividades da criança e da família contemporânea, por questões psicológicas, sociais, políticas, éticas e estéticas. A ideia é que a criança possa, por meio das artes, construir suas próprias compreensões e significações do mundo e de si mesma, sem didatismos.

Esta proposta artística impõe desafios, com destaque para as velhas concepções – muitas vezes moralistas e maniqueístas – que muitos criadores, educadores, financiadores, a imprensa e o público adulto têm sobre arte para a infância. Cabe ao festival, de forma construtiva e com empatia, quebrar paradigmas e desconstruir ideias absolutas, totalitárias e hipócritas.

O segundo eixo estratégico diz respeito a compreender os diferentes públicos do festival. É preciso entender qual é o repertório artístico-cultural e quais são os meios de acesso à cultura de quem se almeja alcançar. Com essa compreensão, é possível elaborar uma espécie de plano pedagógico do festival com foco na formação de plateia, plano este que funciona, por sua vez, como uma espécie de “reeducação alimentar”. Se uma criança está acostumada a comer frituras, há todo um processo de mudança de hábito alimentar para que ela, aos poucos, aprecie os sabores e as texturas de diferentes frutas. O mesmo ocorre com o hábito cultural.



A ideia é que a criança possa, por meio das artes, construir suas próprias compreensões e significações do mundo e de si mesma, sem didatismos.

Espetáculo *Concerto para dois Clowns* / Cie Les Rois Vagabonds (França) / TIC / 2016

Foto: Sheila Oliveira

De uma forma geral, grande parte do público do TIC tem acesso à cultura de massa e está acostumado com narrativas que estimulam, na criança, uma atitude passiva, já que não a despertam a pensar, criar e interagir, subestimando suas capacidades e múltiplas linguagens. E este quadro, especialmente, implica em responsabilidades e desafios para o festival.

Outro fator que atravessa este público são as mídias digitais que, além da oferta de conteúdos audiovisuais inapropriados, são facilmente acessadas pelas crianças com pouco ou nenhum controle, pois é uma ferramenta compensatória da ausência dos pais, prejudicando o desenvolvimento dos pequenos e expondo, a bombardeamentos diversos, a sua integridade mental. Ademais, o aparecimento dos meios de comunicação de massa e o impacto das tecnologias (internet e games) na transformação do uso do tempo livre das famílias têm implicado em novas formas de se pensar e entender as novas infâncias e seus novos modelos de socialização e de consumo cultural.

Essas mudanças produzem um apelo pelo presente imediato, com alcance de satisfações instantâneas e efêmeras, baseadas nas indústrias do entretenimento. A escola e a família deixaram de ser as únicas referências de socialização, caráter e ética, disputando lugar com a cultura de massa e as mídias digitais.

É preciso, também, perceber as diferenças sociais e culturais do público. Destacam-se, aqui, os abismos entre os públicos do TIC: há

crianças que nunca tiveram acesso a uma mídia digital e crianças que nunca saíram de seu bairro, enquanto, em contraponto, há crianças que têm o shopping como seu principal espaço de lazer e cultura.

Compreender tais contextos de públicos é algo necessário em um processo curatorial. Porém, é importante saber até onde o festival pode ceder em suas proposições artísticas em respeito ao repertório cultural do seu público ou o projeto pode desrespeitar seu propósito e suas crenças, perdendo sua identidade curatorial.

O terceiro eixo perpassa os espaços físicos que o festival ocupa. Dentro da proposta pedagógica do festival, parte-se do princípio de que a ida ao teatro precisa ser uma experiência positiva e, se possível, inesquecível – um momento de convivência familiar e comunitária. A ideia é proporcionar vínculos entre a criança, a família e a cidade.

A experiência do público é pensada para ir além dos palcos, despertando o espírito comunitário de encontros e afetos que um festival pode possibilitar. Para tanto, o TIC valoriza os momentos antes e depois dos espetáculos, seja na fila do teatro ou num lanche, pois são ocasiões de interação que auxiliam a construção de uma memória afetiva. Desse modo, o festival ocupa espaços onde tais vínculos sejam facilitados. Ressalta-se, em Fortaleza/CE, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno, onde, durante os finais de semana do evento, são ofertadas pelo menos quatro atrações diárias que permitem ao público desfrutar diferentes experiências, das 16h às 20h,



Espectáculo *Ogroleto* / Grupo Pavilhão de Magnólia (CE) / TIC / 2018

Foto: Sheila Oliveira

em três salas de teatro e em espaços abertos. Mesmo que a família ou a criança assistam somente a um espetáculo, o fato de estarem desfrutando de um espaço cultural público e em contato com outras pessoas de diferentes classes sociais já é uma conquista. O festival compara este acontecimento com a fuga do prisioneiro do Mito da Caverna, de Platão, tema do festival em 2018.

O festival também está presente em cidades do interior cearense, em sua maioria sem salas de espetáculos e sem referências de atividades artísticas. Por conseguinte, o evento ocupa praças que já funcionam como espaços de



Espectáculo *Concerto para dois Clowns* / Cie Les Rois Vagabonds (França) / TIC / 2016

Foto: Sheila Oliveira

convivência e lazer de famílias e crianças, o que limita a montagem da programação por questões técnicas.

Além disso, o evento dedica-se à ocupação de espaços de grande valor histórico e cultural, como o Theatro José de Alencar e a Caixa Cultural Fortaleza, em Fortaleza/CE, e o Teatro São João, em Sobral/CE, que são bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O intuito, com isso, é convidar crianças e famílias a criarem uma relação simbólica com tais espaços.

Grupo Barbatuque / TIC / 2019 / **Foto:** Luiz Alves



Espectáculo *O senhor é Ventilador*

Grupo Bagaceira de Teatro (CE) / TIC / 2017 / **Foto:** Sheila Oliveira



Por último, mas não menos importante, o quarto eixo estratégico aborda questões financeiras, um desafio para a maioria dos festivais de arte do país. O montante captado anualmente determina, de forma pragmática, a curadoria do evento. Assim, podem existir atrações que dialogam diretamente com a sua proposta curatorial, mas que sejam inviáveis financeiramente para compor a sua programação. Junto a isso, só se sabe quanto se terá de recursos para o festival poucos meses ou poucas semanas antes de ele acontecer. Desse modo, programar atrações estrangeiras ou nacionais com grande demanda de trabalhos torna-se uma tarefa impossível, pois esses artistas e companhias fecham sua agenda de trabalho com pelo menos um ano de antecedência.

Esse gargalo tem estimulado o TIC a pensar estratégias de sustentabilidade, que vão desde articulações políticas à venda de patrocínios junto a empresas via leis de incentivo à cultura. Essa dinâmica tem demandado mais tempo e pessoal a cada ano; no entanto, o projeto fica atento para que tais processos não desvirtuem o propósito e o posicionamento do festival.

Hoje, pode-se considerar o TIC o maior evento cultural gratuito para crianças do Norte e Nordeste, quiçá do Brasil. A cada ano o festival busca reinventar-se e se reafirmar como um projeto estruturante para o desenvolvimento das artes para a infância no Ceará. Apesar de se buscar uma consistência curatorial, o projeto está sempre em constante mudança.

Entre tais estratégias de sustentabilidade, destaca-se a participação do TIC na FIBRA – Rede de Festivais para Crianças e Jovens, cuja missão é discutir e propor políticas de fortalecimento dos festivais de artes cênicas para a infância e juventude. A rede é composta por seis festivais que têm, dentre seus principais objetivos, compartilhar recursos para a circulação de atrações entre si.

O projeto também tem participado de outros coletivos de discussões e articulação política e tem auferido grandes conquistas, como o Plano de Cultura Infância do Ceará, cuja elaboração foi liderada pelos curadores do festival. O plano foi formalizado em forma de lei em 2018 e prevê uma política cultural sistematizada para os próximos dez anos.

Visto o que foi explanado nos quatro eixos supracitados, adverte-se que não se trata de uma receita de bolo. Essa lógica curatorial foi construída ao longo de nove anos a partir de inquietudes, estudos, visitas a outros festivais brasileiros e estrangeiros, erros e acertos. Assim sendo, cada festival deve traçar suas estratégias, com base em seus contextos e referências.